

O VATICANO ABRE O JOGO

A declaração "Dominus Iesus" (Senhor Jesus), divulgada pelo Vaticano no mês de agosto, surpreendeu o mundo religioso ao afirmar que só existe salvação numa Igreja, que é a católica, dirigida pelo sucessor de Pedro, o Papa.

O documento foi aprovado pelo Papa João Paulo II. e assinado pelo cardeal alemão Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, instituição que substituiu o antigo Tribunal da Inquisição, e que tem a responsabilidade de proteger a doutrina da Igreja.

Bem elaborada, a declaração atesta a legitimidade e realidade da salvação, oferecida por Cristo, através da Igreja.

Divulgado no limiar do terceiro milênio, o texto é uma clara tomada de posição contra as tendências relativistas da mentalidade pos-moderna, que nega a existência de uma verdade absoluta, religiosa ou filosófica, e que atribui à religião, cristã ou pagã, um caráter meramente cultural. Na página 5, é dito que "para fazer frente a essa mentalidade relativista, há que afirmar o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo", que possibilita ao ser humano conhecer e experimentar a verdade divina.

O documento não ignora o "valor inspirado dos textos sagrados de outras religiões", através dos quais, pessoas podem "alimentar e manter sua comunhão com Deus"(página 8), embora essas religiões contenham "lacunas, insuficiências e erros". As demais igrejas cristãs são chamadas de "comunidades eclesiais", mas "não são igrejas em sentido próprio" por conservarem várias limitações na oferta de salvação.

A parte mais contundente é a defesa da unidade da igreja, a partir da página 16. Os católicos afirmam que, assim como existe um só Cristo, "também existe uma só Igreja católica e apostólica" e que a "unicidade e unidade, bem como tudo o que concerne à integridade da Igreja, jamais irá falhar". Diz ainda que "os fieis são obrigados a professar que existe uma continuidade histórica - radicada na sucessão apostólica - entre a igreja fundada por Cristo e a Igreja Católica".

O documento tem o mérito de afirmar a realidade da salvação, embora o mundo não a reconheça. Mas tem a arrogância de pretender que "não há salvação fora da Igreja Católica".

Ecumenismo e reação - O objetivo da declaração do Vaticano não é minar o ecumenismo, mas indicar que há um centro para a união dos religiosos, e que esse centro é a Igreja Católica, que se declara detentora da fé crista em sua totalidade e pureza.

O Vaticano alega que "a falta de unidade entre os cristãos é certamente uma ferida para a Igreja; não no sentido de estar privada de sua unidade, mas porque a divisão é um obstáculo à plena realização da sua universalidade na história" (página 17, já que a missão da Igreja é "anunciar o reino de Cristo e de Deus e instaurá-lo entre todos os povos"(página 18).

Tanta pretensão de liderança e infalibilidade despertaram protestos em todo o mundo. Para o deputado federal e membro da Comissão de Direitos Humanos, da Câmara Federal, Lincoln Portela, a declaração do Vaticano é contrária a tendência dos fatos. "No momento em que o mundo busca a convergência e o entendimento em respeito aos direitos humanos, a Igreja Católica busca a divergência e o autoritarismo", diz.

O arcebispo de Canterbury, monsenhor George Carey, primado da Igreja Anglicana, disse que "a Igreja Anglicana não aceita nem por um instante que seu ministério e sua eucaristia sejam insuficientes e se considera parte de uma mesma santa, católica e apostólica igreja de Cristo".

O presidente da Federação protestante da França, pastor Jean-Arnold Clermont, disse que a declaração é uma contradição ao ano do Jubileu, e representa um "duro golpe ao trabalho ecumênico".

Os protestos levaram o Vaticano a tentar se justificar. A igreja afirmou, então, que o documento se dirige aos líderes católicos, com intenção de alinhar a Igreja. O Vaticano argumentou que muitos padres e mesmos bispos estavam indo longe demais nos assuntos ecumênicos, diluindo a mensagem cristã, ao compará-la a outras religiões.

Imutável- Há consenso entre os evangélicos que o documento nada tem de novo para a comunidade religiosa mundial. Na verdade, a Igreja Católica Romana *nunca* declarou a validação das igrejas protestantes. Apesar de seu envolvimento em diálogos ecumênicos com o passar dos anos, a Igreja Católica sempre se chamou de "igreja verdadeira".

O ecumenismo se fortaleceu com o Concílio Vaticano II., quando a Igreja Católica passou a defender a aproximação das igrejas e afirmou ser a mais interessada na questão.

Já no século passado, a escritora americana Ellen White advertia quanto a relações amistosas entre protestantes e católicos, as quais ignoravam a verdadeira pretensão católica de reassumir hegemonia religiosa. "A igreja papal nunca abandonará sua pretensão à infalibilidade". Sobre a postura de conciliação, diz: " A igreja de Roma apresenta hoje ao mundo uma frente serena, cobrindo de justificações o registro de suas horríveis crueldades. Vestiu-se de roupagens de aspecto cristão; não mudou porém".

O documento do Vaticano expressa aquilo que sempre creu a Igreja Católica: que a salvação é um dom oferecido através dos sacramentos da Igreja. Na Bíblia, porém, a salvação é resultado da fé. Claramente, Jesus afirmou ser "o caminho, a verdade e a vida", e que ninguém pode ir ao Pai, senão por Ele (João 14:6). O apóstolo João afirma que "aquele que tem o Filho de Deus tem a vida eterna" (1ª João 5:12).

Ao apelar para a sucessão apostólica como evidência da igreja de Cristo, e para a autoridade do Papa como substituto de Cristo, o Vaticano ignora que próprio apóstolo Pedro reconheceu que a "Pedra angular", à qual todo crente deve estar ligado, é o próprio Cristo (1ª Pedro 2: 4-8), e não o ser humano Pedro, de quem o Papa se diz sucessor. Ignora também que, a mesma função e poder apostólico atribuídos à Pedro, Jesus deu aos demais. Em João 20: 21 a 23, é dito: "Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio. E havendo dito isto assoprou sobre eles e disse-lhes: recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhe serão perdoados; e àqueles a quem retiverdes lhe serão retidos." Portanto, todos os apóstolos receberam "as chaves do Reino", e que os caracterizavam como tais era a presença do Espírito Santo e a obediência à Palavra de Deus. Jesus disse:"Se amais, guardareis os Meus mandamentos"(João 14:15).

Ora, a Igreja que apresenta a si mesma como "única verdadeira" mantém em seu Catecismo uma lista de mandamentos diferentes daquela que a Bíblia manda cumprir, em Êxodo capítulo 20.

O apóstolo Paulo adverte os próprios cristãos, em Romanos 11:21-23, dizendo que se Deus rejeitou de Sua comunhão os judeus que pecaram e desobedeceram à Sua Palavra, muito mais pode rejeitar os cristãos gentios que vierem a cair em desobediência.

SUCCESSOR DE PEDRO?

Para recordar, saiba quem é a "Pedra angular" sobre a qual a igreja é edificada.

Depois de dizer que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mat. 16:16), Pedro ouviu o Mestre afirmar: "Pois Eu também te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha igreja"(Mat. 16:18).

Com base nessas palavras, o Catolicismo entende que a Igreja é fundada sobre o ministério de Pedro, de quem o Papa é sucessor.

Pedro cita as profecias do Antigo Testamento para falar da "Pedra angular" que sustenta a igreja. Em 1ª Ped. 2:6, ele cita Isa. 28:16, onde Deus diz: Assentei em Sião uma pedra viva, de esquina". Em 1ª Ped. 2:7, cita o Sal. 118:22, onde se diz que a "pedra rejeitada" tornou-se "pedra de esquina". Essa pedra é Cristo.

Ao dizer "*tu és Pedro*", Jesus usou a palavra grega *petros*, que indica simplesmente uma "pedra". Ao dizer "sobre esta *pedra*", usou o termo *petra*, que indica uma "rocha", figura apropriada para o Cristo.

Pedro faz a mesma distinção, em 1ª Ped. 2:4 e 5, as "pedras vivas" (os crentes, inclusive ele) e a "Pedra angular" (o próprio Cristo).

Numa construção, a pedra angular dá a base e o formato do edifício. A ela, todas as demais são ajustadas. Essa função, na edificação da Igreja, não poderia ser desempenhada por Pedro, só pelo próprio Cristo.

Aceitar o ecumenismo é tornar-se cúmplice da idolatria, da igreja apostatada, da "Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes", aquela vestida de purpura, de ouro e pedras preciosas, assentada em sete colinas (lembram da igreja-mãe?) Apoc. 17.

Estra ecclesiam non salus est, foi durante séculos a sua doutrina oficial em latim ("Fora da igreja (romana) não há salvação"). O Vaticano reeditou-a agora oficialmente.